

**A GLOSSOLALIA NA DIFUSÃO DO CRISTIANISMO:
O PODER DA COMUNICAÇÃO¹**

Yask Gondim da Silva (UEG/PUC-Go)²
Lázara Divina Coelho (FAIFA/PUC-Go)³
Régia Cristina Campos Vieira (UEG/PUC-Go)⁴

RESUMO

Este artigo traz um estudo sobre *glossolalia* como descrito na Bíblia cristã, especialmente no livro de *Atos dos Apóstolos*, conhecido como o “falar em línguas”, e tem, como foco, o fenômeno em si, em suas relações com a comunicação e, em especial, com a comunicação cristã. Busca esclarecer a importância dela como fenômeno inaugural ocorrido durante a festa de Pentecoste, na cidade Jerusalém (séc. I d. C.). Pretende, também, mostrar o papel da diversidade de línguas na difusão do Cristianismo mundo afora, e informar que essa difusão só foi possível porque a *glossolalia* e a comunicação são instituições que mantêm relação de interdependência e complementaridade entre si.

Palavras-chave: *Glossolalia. Pentecoste. Espírito Santo. Comunicação.*

ABSTRACT

This article reflects the study of glossolary as described in the Holy Bible, particularly in the book of the Acts of the Apostles, known as the "speaking in tongues", and it has, as its focus, the same phenomenon and its relationship with the media, in particular, with the Christian communication. The aim is to clarify its importance as an inaugural phenomenon that occurred during the feast of Pentecost in the city of Jerusalem (Sec.1 d.C); also to show its role in the dissemination of Christianity worldwide; and finally, inform that this dissemination was only possible because the glossolary and communication are institutions which maintained a relationship of interdependence and complements between themselves.

Keywords: *Glossollary. Pentecost. The Holy Spirit. Communication.*

¹ Este artigo, ora atualizado, foi publicado originalmente sob o título *A glossolalia em Pentecoste: a comunicação para a difusão do Cristianismo*, na *Revista Sacrilegens – v. 9, n. 1, jan/jun de 2012*.

² Acadêmica do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: yaskgondim@hotmail.com.

³ Acadêmica do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: lazaracoelho@gmail.com.

⁴ Acadêmica do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: regiacampos@hotmail.com.

INTRODUÇÃO

A *glossolia* foi um fenômeno de comunicação que marcou a difusão do Cristianismo a partir da festa de *Pentecoste*⁵. Esta era uma das três festas fixas dadas a Israel por Deus, no Antigo Testamento (Êx 23.14-17; 34.18-23), junto com a Festa dos Pães Asmos e a Festa dos Tabernáculos. Pentecoste foi marcada por ser uma festa agrícola. Era também chamada de Festa das Colheitas (de grãos) ou das Semanas. O termo *pentecoste* tem origem grega e seu significado literal é cinquenta, o que deu à festa o seu nome, porque acontecia no quinquagésimo dia depois da Páscoa.

Quanto ao fenômeno, em si, doravante conhecido por *Pentecoste*, conforme narrado na Bíblia, aconteceu na cidade de Jerusalém, exatamente cinquenta dias depois da comemoração da Páscoa (ca. de 30 d. C.), i. e., no dia de *Pentecoste* (At 2.1; cf. 20.16; 1 Co 16.8). O evento inaugural está registrado em Atos 2.1-4:

Chegando o dia de Pentecoste, estavam todos reunidos no mesmo lugar. De repente, veio do céu um *ruído*, como se soprasse um *vento impetuoso*, e encheu toda a casa onde estavam sentados. Apareceu-lhes então uma espécie de línguas de *fogo*, que se repartiram e repousaram sobre cada um deles. Ficaram todos cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem. (ênfase nossa).

A experiência sobrenatural vivida pelos apóstolos está aí relatada com símbolos misteriosos como fogo, vento forte e ruídos intensos. Além disso, aparece a figura das outras línguas (gr. *glōssa*), se referindo à variedade de idiomas que eles falaram como resultado do processo em andamento.

Kürzinger (1971) acredita que, com base na palavra *glōssa*, i. e., línguas, pode-se dizer que o Espírito se revelou nas línguas de fogo e capacitou os discípulos a falarem línguas estranhas ao que falavam normalmente, ocorrendo simultaneamente dois fenômenos: o milagre de ouvir e o milagre de falar. Os apóstolos falavam línguas estranhas aos ouvintes e esses, preparados pelo Espírito, puderam entender em seus idiomas pátrios, “as grandezas de Deus” (At 2, 11) então proferidas pelos falantes.

Os ouvintes em questão eram judeus de diversas partes do Império Romano que estavam reunidos, em dado local na cidade de Jerusalém, para uma das principais celebrações festivas da

⁵ Neste artigo o termo, transliterado do grego, será grafado no modo singular, o que equivale à tradução encontrada em Atos 2: pentecoste ou Pentecoste.

cultura judaica: a festa de *Pentecoste*. Foi um momento oportuno, pois a manifestação do Espírito Santo alcançou um grande número de pessoas, tanto as que viviam em Jerusalém, como também, as de outras partes do mundo ali reunidas. Essas pessoas, além de viverem a experiência, se tornariam testemunhas vivas desse acontecimento:

Achavam-se então em Jerusalém judeus, varões piedosos, de todas as nações que há debaixo do céu [...]. Partos, medos, elamitas, os que habitam a Mesopotâmia, a Judéia, a Capadócia, o Ponto e a Ásia, a Frígia e a Panfília, o Egito e as partes da Líbia para as bandas de Cirene, e os forasteiros romanos, judeus e prosélitos, cretenses e árabes [...] (At 2.5-13).

No relato do livro de Atos, os apóstolos e outros cristãos, por ordem de Jesus, esperavam pelo Espírito Santo (cf. Lc 24.45-49; At 1.4-5), mas, certamente, eles não sabiam o que estava para acontecer. Quando o Espírito Santo se manifestou, todos receberam o poder de falar em línguas diferentes daquelas que falavam. Nesse acontecimento, houve grande admiração por parte das pessoas que ouviam os ensinamentos de uma nova doutrina, em seu próprio idioma, e, ainda, pelo fato de serem transmitidos por gente simples do povo que, a partir daquele momento, falavam com eloquência e autoridade sobre o assunto. Os apóstolos sabiam do que falavam por ser eles mesmos testemunhas de toda a história.

A maioria dos apóstolos era iletrada. Com certeza, os ouvintes se perguntavam como podiam aqueles homens na maior parte rudes, sem nenhuma instrução se comunicarem com tantos outros de línguas diferentes e fazendo uso de uma linguagem persuasiva tão forte ao ponto de convencer cerca de três mil pessoas (At 2.41) a aceitarem uma nova fé? Havia uma convicção tão grande sobre os ensinamentos do Senhor, transmitida por parte dos apóstolos, que era contagiante. De fato, eles estavam prontos a dar o testemunho a que foram incumbidos. Estavam prontos a comunicá-lo ao mundo.

1 A LINGUAGEM E A COMUNICAÇÃO EM PENTECOSTE

De todos os códigos utilizados pelo homem para expressar suas impressões, para representar coisas, seres, ideias, sem dúvida alguma o mais importante é a linguagem. Os falantes de uma língua adquirem, natural e gradativamente, o conhecimento necessário para usá-la. O uso que cada indivíduo faz do seu idioma depende de várias circunstâncias: do que vai ser falado e de que forma, do contexto, do nível social e cultural de quem fala e de para quem se fala (TERRA, 2004).

A língua (enquanto idioma) é uma entidade autônoma que tem o seu lugar nas comunicações. Do ponto de vista de alguns teóricos da linguagem e da comunicação, ela se define como:

Segundo Saussure (2006, p. 17) a língua e a fala ,

[...] um ‘tesouro’ onde estariam armazenados os *signos*, enquanto a *fala* seria a organização desses signos em frases, a combinação dos seus sentidos para constituírem o sentido global da *frase*. A língua é uma passividade (saber uma língua implica receber e memorizar o seu *código*), enquanto a fala supõe um comportamento ativo sobre a *linguagem*. A língua é o produto e o instrumento da fala, ao mesmo tempo.

A língua refere-se, então, a “[...] um sistema de *signos*, constituída pela associação de imagens auditivas a conceitos determinados” (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 429). Se a língua é um sistema de *signos*, pode-se identificar as unidades deste sistema. Dentre esses signos (vocais, escritos, visuais, fisionômicos, sonoros, gestuais etc.), armazenados na língua, está a *palavra*, aquela “Série de *caracteres* ou de elementos binários, armazenada numa localização da *memória* e capaz de ser tratada como uma unidade” (RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 540). De fato, as línguas são unidades complexas compostas de palavras.

As palavras sujeitam-se à articulação da própria linguagem. E a linguagem é um recurso usado pelo homem para se comunicar. Constitui-se em um instrumento pelo qual os homens estabelecem vínculos, no tempo, e determinam os tipos de relações que mantêm entre si. Ela torna possível o desenvolvimento e a transmissão de culturas, bem como, o funcionamento eficiente e o controle dos grupos sociais.

No *Dicionário de Linguística* (DUBOIS, 1998, p. 387), linguagem é a:

[...] capacidade específica à espécie humana de comunicar por meio de um sistema de signos vocais (ou língua), que coloca em jogo uma técnica corporal complexa e supõe a existência de uma função simbólica e de centro nervosos geneticamente especializados.

Nessa mesma lógica, o sistema de signos vocais utilizados por um certo grupo social ou comunidade linguística, constitui uma língua particular. Isso se dá, mediante a codificação e a decodificação desse signo (língua particular) usado. Saussure (*apud* DUBOIS, 2011, p. 132-133) já descrevera essa comunicação, ou essas operações, de codificação e decodificação através de um esquema que representa o circuito da fala humana organizada com os signos entre dois locutores, A e B. Essa operação incide sobre os sistemas de signos linguísticos, já estabelecidos como integrantes do processo comunicativo e, ampliada, justifica o conceito de comunicação defendida abaixo.

Na perspectiva das relações entre os seres humanos, o termo comunicação refere-se a um conjunto de conhecimentos (linguísticos, psicológicos, antropológicos, sociológicos, filosóficos, cibernéticos etc.) relativos aos processos comunicativos, que interagem entre si. Nessa visão, Colin Cherry (*apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 156) afirma que a comunicação é o:

Estabelecimento de uma unidade social entre seres humanos, pelo uso de signos de linguagem. [...] Toda comunicação procede por meio de signos, com os quais um organismo afeta o comportamento do outro (ou, de modo mais geral, o estado do outro).

De igual modo, o *Dicionário de Linguística* (DUBOIS, 2011, p. 129) define a comunicação como “[...] a troca verbal entre um falante, que produz um enunciado distinto, a outro falante, o interlocutor, de quem ele solicita a escuta e/ou uma resposta explícita ou implícita (segundo o tipo de enunciado).”

Isso posto, volta-se à *glossolalia*, fenômeno da linguagem cuja unidade menor é *glw=ssai*. Esse termo é traduzido por *línguas* que, no evento em questão, representam o uso de palavras que são, grosso modo, a própria manifestação linguística. Ora, a palavra sempre foi um instrumento usado por Deus em suas comunicações com o ser humano. O maior ícone do Cristianismo, Jesus Cristo, comunicou-se por meio da palavra. As características de sua linguagem através de parábolas, exemplos da vida cotidiana, usando elementos simples da natureza para levar a uma reflexão, para dar uma orientação, atingia profundamente as pessoas que o ouviam. Jesus não se expressava como um doutor ou especialista nas palavras, mas o seu discurso era profundo e cheio de significados (SILVA, 1999). Seu conhecimento a respeito do comportamento humano lhe dava uma autoridade absoluta sobre qualquer assunto ou situação que surgisse. Ele falava de um Deus que ama, que age a favor do homem, que perdoa, que salva.

A maneira que Jesus usou para argumentar não foi mediante imposição, i. e., de fora para dentro. Ele chama o ouvinte à reflexão, ao bom senso, para que a própria pessoa encontre o caminho que o leva a Deus. Ensina a tolerância, a humildade, o amor. Na narrativa da mulher flagrada em adultério, isso é claro: ele sabe ouvir, sabe questionar e conduz a mulher a refletir sobre si mesma (Jo 8.1-11).

A comunicação de Jesus atingiu a todos os povos em todos os tempos. Ele falava, preferencialmente, aos marginalizados. E sua comunicação foi, e é perfeita.

Há uma identificação, inclusive, com os pequeninos ou criancinhas, na sua maneira de ensinar (SILVA, 1999). Ele mostrou essa predileção quando disse: “Eu te bendigo, Pai, Senhor do céu e da

terra, porque escondeste estas coisas aos sábios e entendidos e as revelaste aos pequenos. Sim, Pai, eu te bendigo, porque assim foi do teu agrado.” (Mt 11. 25, 26). Na sua comunicação o que estava escondido era revelado ao que não tinha habilidades intelectuais para receber esse desvelamento.

2 O IMPACTO DO FENÔMENO DE *PENTECOSTE* NA COMUNIDADE CRISTÃ

O homem é um ser social, necessita comunicar-se. Depende de outrem, e neste contexto, a comunicação faz a interação entre ele e o outro e entre eles e os demais. O surgimento da comunidade cristã primitiva, bem como sua trajetória acontece pelo poder do Espírito enviado, cujo sinal distintivo é o fenômeno da *glossolalia*, i. e. A igreja começa e continua sob a comunicação *intraeclesial* e entre a Igreja e seu Deus mediada pelo Espírito Santo.

No exame do evento de *Pentecoste*, viu-se o fenômeno de uma comunicação feita, ao mesmo tempo, em vários idiomas, e o resultado espetacular do entendimento e de convencimento de tudo aquilo que fora dito. De um lado, os cristãos falavam em vários idiomas (At 2.4b) e, de outro, os ouvintes os ouviam/entendiam em suas próprias línguas (At 2.6c-9). Esse fenômeno, de dupla face, significava a queda das barreiras linguísticas até então intransponíveis que emperravam a comunicação, inclusive com o próprio Deus, as quais agora eram removidas pelo Espírito Santo, na medida em que capacitava os crentes a transmitirem a revelação de Deus em vários idiomas.

A partir desse dia, começaram as pregações e o trabalho de várias pessoas envolvidas no ministério de Jesus. Enquanto eles pregavam a palavra conforme os ensinamentos de Jesus, se sentiam preparados para a sua volta. As comunidades foram se formando e vivendo com um só objetivo: pregar o evangelho. Havia união entre eles. Os envolvidos no ministério compartilhavam tudo o que possuíam, repartindo e dividindo o pão de cada dia (At 2.44; 4.32). Tudo isso refletia a eficiência da comunicação de Jesus.

Enfim, em *Atos dos Apóstolos*, com o surgimento das primeiras comunidades, fica notório o impacto grandioso da linguagem e comunicação feitas por Jesus, as quais viviam plenamente os seus ensinamentos.

É simbólica a manifestação do Espírito Santo através “línguas de fogo” sobre a cabeça de cada um. Pode-se concluir que, através da língua, em todos os seus significados, Deus alcançaria os corações humanos.

A comunicação verbal, oral e/ou escrita, gestual ou outras variantes existentes, tem sido o meio mais usado para levar o evangelho às pessoas que não o conhecem. Essa comunicação pode ser definida, conforme J. Dewey (*apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 155), como: “[...] o processo da partição da experiência para que se torne patrimônio comum. Ela [inclusive,] modifica a disposição mental das duas partes associadas [...].”

Esse *processo de partição da experiência* por parte dos galileus em Jerusalém para com homens de todos os cantos da terra ou de todas as nações debaixo do céu (At 2.5), prova “[...] que a revelação de Deus não está limitada a um idioma em particular, porém transcende a todas as variações da fala humana” (KISTEMARKER, 2006, p. 115) e, ao mesmo tempo, aponta para a expansão do evangelho na direção de todos os povos do mundo, conforme ocorre em escala de tipificação, naquele momento.

Enquanto falam, o público presente compreende que aqueles galileus estão louvando a Deus em todas as línguas e dialetos do mundo. Lucas especifica a extensão do mundo na designação dos estrangeiros presentes ao evento no dia de Pentecoste, os quais representam as nações nas quais nasceram e apontam para as nações do mundo: “Partos, medos e elamitas; residentes da Mesopotâmia, Judeia e Capadócia, Ponto e Ásia, Frígia e Panfília, Egito e partes da Líbia perto de Cirene, e visitantes de Roma, judeus e convertidos do Judaísmo, cretenses e arábios [...].” (At 2.9).

Esse agrupamento de povos, com omissão de algumas nações, como Grécia, Macedônia e Chipre, parece inexplicável. Na lista, há 15 nações do mundo civilizado do século I e Lucas “[inicia] com os países do Oriente (Pártia, Média, Elão, Mesopotâmia), depois se move para a Ásia Menor via Judeia (Capadócia, Ponto, Ásia, Frígia, Panfília), de lá para a África (Egito, Cirene) e então para Roma, Creta e Arábia.” (KISTEMARKER, 2006, p. 116).

Kistemaker (2006, p. 116) vê a possibilidade de Lucas haver usado o critério linguístico nessa disposição, considerando que seu objetivo no relato de Pentecoste é enfatizar que as boas-novas transcendem as barreiras de tempo/espaço/e da língua. No caso, o argumento de que a situação da narrativa de Pentecoste no início do livro de Atos, de fato, aponta para povos (representados por suas línguas nativas naquele momento) aos quais os discípulos seriam enviados. Seria a representação, como em foto, do envio da igreja que nascia naquele momento.

É nessa perspectiva que é feita a leitura do envio dos apóstolos. Os apóstolos cumpriram o compromisso feito com Jesus, ao seguirem as instruções dele e, principalmente, seu último pedido, antes de subir aos céus: a divulgação do Evangelho (cf. Lc 24.44ss).

A repercussão, na época, sobre os acontecimentos em Jerusalém, durante a festa da Páscoa, abriu caminhos para a nova fé. Os relatos bíblicos não apresentam o fato de forma clara. Porém, quando são mencionadas pessoas de várias nacionalidades presentes naquela ocasião, interpreta-se que cada uma delas, provavelmente, transmitiu a mensagem ouvida para outras de suas regiões, de seu convívio, suas famílias e amigos.

No século XXI, está claro o quanto aquela comunicação foi e continua eficaz. De fato, é graças a ela que a nova fé, surgida naqueles dias, tomou proporções gigantescas e continua até hoje.

A comunicação foi o fator principal para a divulgação do Cristianismo. No relato bíblico em questão, em *Atos dos Apóstolos*, o fenômeno da *glossolalia* marca o início do Cristianismo, e a análise da comemoração do dia de *Pentecoste*, uma festa tradicional que reunia muitas pessoas, indica que a manifestação do Espírito Santo aconteceu num momento apropriado permitindo que todos os presentes levassem os seus testemunhos de uma nova fé a outras nações. Todo o cenário conspirou a favor dessa divulgação.

3 BABEL: UM FENÔMENO OPOSTO A PENTECOSTE

Retornando à *glossolalia* de *Pentecoste*, ficou evidente que houve poder nas palavras ao convencer várias pessoas a seguirem a nova fé que surgia. Quando o Espírito Santo se manifestou aos apóstolos, concedeu-lhes o poder da palavra dita e compreendida no idioma particular de cada ouvinte que ali participava. A partir desse evento, deu-se o início à nova religião, o Cristianismo.

Foi um acontecimento marcante que contribuiu (e continua contribuindo) muito para a mudança da história da humanidade. O envolvimento e aceitação das pessoas daquela época e, em especial, daquele dia, ficou para sempre marcado por um fenômeno único e surpreendente. Este evento fez com que, de súbito, pessoas simples e humildes comesçassem a falar línguas estranhas àquelas conhecidas, sem nunca tê-las estudado ou tido qualquer tipo de ensinamento para aquela realização.

Contudo, esse fato já acontecera em tempos remotos, narrado no Velho Testamento. Foi na terra de Sinear, na antiguidade, em um episódio que ficou conhecido como a narrativa da *Torre de Babel* (Gn 11.1-9) e considerado o reverso de *Pentecoste*. Segundo o relato, “Em toda a terra havia somente uma língua, e empregavam-se as mesmas palavras” (v. 1), i. e., não havia idiomas diferentes, mas os semitas da Babilônia empreenderam

construir uma torre que alcançasse os céus, pois queriam observar tanto os céus como seus astros. Eles criam que os céus distavam cerca de dois quilômetros da terra. Porém, na sua ousadia, essa observação advinha do desejo de independência de Deus; nas palavras do hebraísta Luiz Sayão (2007, s/p), “[...] os homens queriam invadir a morada divina” (Gn 11. 4), tomando-a para garantir seu poder e manter sua unidade em favor da glória de seu próprio nome. Deus, então, interfere e promove o fim da unidade perversa: Vamos, pois, descer e confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros. E o Senhor dispersou-os dali por toda a superfície da terra, e suspenderam a construção. (Gn 11, 7-8).

Luiz Sayão (2007, s/p) explica as consequências afirmando que

A unidade de que desfrutavam, definida pelo aspecto linguístico, não mais existirá. As línguas são confundidas, e o projeto é impedido. Toda a unidade humana rebelada contra o Criador acaba se transformando numa diversidade fragmentada. A ruptura teológica torna-se ruptura sociológica e étnica.

Finalizando, Gustavo Gutierrez (2008, p. 52) significa os fatos e faz a ponte entre Babel e *Pentecoste*:

À nostalgia do paraíso perdido, o mito de Babel acrescentou a nostalgia de uma língua comum, mitigada no medievo graças à ilusão criada pelo latim. Nessa perspectiva, o acontecimento do pentecostes [*sic*] que traz o livro de Atos (2,1-11) [*sic*] surge como o oposto de Babel. Babel é a confusão e a diversidade, pentecostes [*sic*] o entendimento e a unidade. (2008, p. 52).

Para Sayão (2007, s/d), o perfil de *Pentecoste* é o reverso de Babel, porque trata-se de um movimento de Deus na direção do homem, i. e., de um movimento que vem de cima para baixo, sai do céu e alcança a terra. Como resultado, anula a fragmentação humana pela unidade do Espírito. É a diversidade de línguas dadas pelo Espírito que gera dons aos homens, e mais: é o cumprimento da promessa de Jesus e declara, definitivamente, o senhorio de Deus sobre sua igreja.

Essa análise comparativa entre os dois episódios descritos na Bíblia, tanto no tempo quanto no espaço, indica que há entre eles um ponto em comum: o fenômeno de falar línguas dado de um modo sobrenatural.

Em outros relatos bíblicos, há a menção do mesmo fenômeno, inclusive na primeira carta aos Coríntios (14.23). Por este texto, fica claro que houve diferenças entre a *glossolia* de Atos e a que se praticava em Corinto: esta podia ser compreendida quando havia alguém para interpretar, enquanto que, aquela não dependia de mediações interpretativas. O propósito da *glossolia* em Corinto era a edificação para o indivíduo ou para a congregação (quando havia a interpretação das línguas), mas o da *glossolia* em Atos era a confirmação do derramamento do Espírito Santo.

Esse fenômeno marcou, também, o surgimento da comunicação cristã. *Pentecoste* é uma espécie de Babel invertida. No dizer de Díez (1997, p. 275), “[...] se Babel confundiu os povos e fez da multiplicação das línguas um obstáculo intransponível para a comunicação, *Pentecoste* permite que os povos voltem a se comunicar e a se entender apesar da multiplicidade das suas línguas.” Na tentativa de comunicar a própria imagem projetando-se para a celebridade, o homem da Babilônia encontrou a fragmentação da língua e seu nome tornou-se cativo da incomunicação; mas em *Pentecoste* a própria imagem do divino projetou-se para todos os povos apontando-lhes a unidade da língua e dando-lhe a liberdade da comunicação. Assim, se Babel, sob a égide do primeiro Adão imergiu na incomunicação, o *Pentecoste*, sob a égide do segundo Adão mergulhou na comunicação. Em Babel, a mediação foi do homem; em *Pentecoste*, de Deus. Em Babel a comunicação se deu em linguagem humana (desconhecida ou inaceitável de/a Deus), em *Pentecoste* a comunicação se deu em linguagem divina (cognoscível ao homem). Nas palavras de Kasper (1990, p. 237), “Os povos cindidos e estranhos entre si podem entender-se de novo pelo Espírito de Deus”.

4 SIMBOLISMO PRESENTE NA GLOSSOLALIA DE PENTECOSTE

Kürzinger (1971) analisa o evento de *Pentecoste* como alegórico. Segundo ele, quando se descreve os símbolos como o vento e o fogo, o autor do livro de Atos faz uso de conceitos formulados para caracterizar a manifestação do Espírito Santo já que trata-se de um fenômeno indescritível.

A experiência com o sagrado remete a Otto (1985) que, como Kürzinger (1971), deixa claro que uma manifestação do sagrado é uma experiência tão grandiosa que o ser humano não consegue ser racional em suas palavras para descrever o momento. A dimensão da subjetividade ultrapassa o entendimento e é levada a uma comparação alegórica para tentar expressar em palavras a experiência. Para ele (OTTO, 1985, p. 1),

O sagrado é, antes de mais nada, interpretação e avaliação do que existe no domínio exclusivamente religioso.... Essa categoria é complexa; compreende um elemento de qualidade absolutamente especial que se subtrai a tudo aquilo que nós chamamos de racional; é completamente inacessível à compreensão conceitual, e constitui algo inefável.

Outras narrativas bíblicas trazem os mesmos elementos simbólicos do evento de *Pentecoste* como vento, ruídos e fogo (Ex 19; 1Rs 19.11; Is 66.15; Sl 50.3).

A experiência do sagrado, em Atos 2, se dá em duas dimensões: dos céus para a terra ou do divino para o humano (os elementos simbólicos em questão) e do humano para o humano (a linguagem: incompreensível/compreensível). Essa linguagem, objeto desse artigo, é o âmago da comunicação que se torna efetiva a partir dela. Um exemplo que clarifica a tese é a linguagem de Jesus: Ela se manifesta, efetivamente, na comunicação Dele (Jesus: o divino) com os homens, e na comunicação dos discípulos humanos (representantes do divino Jesus) com os homens inconversos.

Essa efetividade comunicante de Jesus fora apontada à luz da promessa da reversão de Babel em Sofonias 3.9: “[...] mudarei a linguagem dos povos ...”. Essa reversão seria providenciada pelo próprio Jesus e mediada pelo Espírito Santo em sua efusão no *Pentecoste*.

E, assim como ocorrera na comunicação de Jesus, há uma correspondente efetividade na comunicação de seus discípulos daqueles primórdios e de todos os tempos. O *Pentecoste* iniciou um novo capítulo da história divino-humana na articulação de um evangelho em muitas línguas. A inversão final, já experimentada na comunicação de Jesus se dá sob a mediação do Espírito que o próprio Jesus envia efusivamente no *Pentecoste* (cf. Sf 3.9). Portanto, a chave da comunicação dos discípulos de Jesus é a mesma usada pelo próprio Jesus: uma comunicação mediada pelo seu Espírito simbolizada no fenômeno da *glossolalia*.

5 NOVA MENTALIDADE E BUSCA DA VERDADE

Desse modo, é interessante, na narrativa de Atos, a maneira como os homens acolheram a grande revelação ali, inauguralmente, comunicada. Muitos ficaram atônitos, outros escarneciam. Os que escarneciam, diziam que os apóstolos estavam embriagados, e ao que parece, eles agiam como se não tivessem participado do milagre de ouvir e entender a mensagem através da *glossolalia*. Provavelmente, faltou-lhes a fé por não terem participado do mistério da graça que se manifestou em *Pentecoste* (KÜRZINGER, 1971).

Quando Pedro toma a palavra (At 2.14-21) para fazer a proclamação da obra salvífica de Cristo, contesta a suspeita de embriaguez, mencionando que “ naquela hora do dia os discípulos,

como eram fiéis à tradição, estavam em jejum até a hora terceira”, isto é, as nove horas da manhã (KÜRZINGER, 1971).

Há outras passagens bíblicas que comparam a manifestação do Espírito com a ideia de embriaguez: “Não vos embriaguez de vinho... ao contrário, enchei-vos do Espírito, entretendo-vos sempre com salmos, hinos e cânticos espirituais, cantando e salmodiando ao Senhor em vossos corações” (Ef 5.18). No discurso de Pedro, em resposta aos zombadores, ele diz que foi um estado inebriante, diferente: o ficar cheio do Espírito de Deus (KÜRZINGER, 1971). A explicação de Pedro para o que estava acontecendo em *Pentecoste* foi o cumprimento da palavra do profeta Joel:

Mas cumpre-se o que foi dito pelo profeta Joel: Sucederá nos últimos dias, diz Deus, que derramarei meu Espírito sobre toda a carne, e profetizarão vossos filhos e vossas filhas, e vossos jovens terão visões, e vossos velhos sonharão sonhos. E sobre meus servos e sobre minhas servas derramarei meu Espírito naqueles dias, e eles profetizarão. E farei prodígios em cima, no céu, e sinais em baixo, na terra, sangue e fogo e nuvens de fumo. O sol tornar-se-á trevas, e a lua sangue, antes que chegue o dia do Senhor, grande e glorioso. E então, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo (At 2,16-21).

O sermão de *Pentecoste* apresenta, justamente, o oráculo desse profeta e o faz citando-o na íntegra (KÜRZINGER, 1971). O fato é que o Antigo Testamento tinha como visão de fim de mundo esse relato.

Todos esses acontecimentos marcaram o início das comunidades da nova fé. A mensagem principal de Jesus, “[...] o Reino de Deus está próximo” (Mc 1.15 etc.) e, em *Pentecoste*, a ventania, os ruídos, as línguas de fogo pousando sobre os apóstolos e o falar em línguas estranhas e suas interpretações revelavam, para os participantes, que este Reino de Jesus, chegava. Sendo assim, o trabalho de divulgação do evangelho no mundo começava, e tornava-se o projeto de vida de cada um deles.

O acontecimento de *Pentecoste* inicia a Igreja de Jesus desde Jerusalém, e a missão dos apóstolos de testemunhar e proclamar o novo Reino, bem como, a mensagem redentiva de Cristo. Assim, o Espírito Santo, manifestado, capacitou a todos eles para a grande comissão, como justifica Comblin (1988):

Tanto na marcha do testemunho como na Igreja o Espírito Santo é a fonte do dinamismo. Todo o agir procede do Espírito. A atitude fundamental dos apóstolos foi de espera do Espírito. Uma vez que o Espírito intervém, já nada pode pará-los. O Espírito é uma energia incontrolável.

A *glossolalia*, na época do nascimento do Cristianismo, das primeiras igrejas, foi um fenômeno frequente, e a manifestação do Espírito provocava um êxtase como que um entusiasmo da fé, entretanto, no acontecimento de *Pentecoste* esse milagre tem a ver com a missão para evangelizar outras nações e, não, no entusiasmo da fé (COMBLIM, 1988).

Portanto, se no portal de Deus (Babilônia) não havia um mediador e a linguagem foi confundida, trazendo a incomunicação; na igreja de Deus (Jerusalém) a linguagem foi restaurada pela mediação do Espírito desse Deus!

A efetividade da comunicação de Jesus e de seus seguidores, dos primórdios do Cristianismo aos dias de hoje, está na mediação glossolálica: o Espírito Santo (Rm 8.26). Esse Espírito é o mesmo que, no *Pentecoste*, foi derramado sobre os homens para que eles pudessem viver a comunicação onde houvesse a incomunicação. A chave para o sucesso da comunicação de Jesus e de seus seguidores é a mediação do Espírito Santo simbolizado pelo fenômeno da *glossolalia*!

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A comunicação estabelecida no *Pentecoste* substituiu a incomunicação gerada em Babel. Um novo modo de entendimento e comunicação raiaram nos céus de Jerusalém, quando “veio do céu um vento impetuoso” e deu aos homens a possibilidade de riscar a antiga incomunicação de Babilônia estabelecida em suas vidas e em suas relações pessoais, étnicas, de gênero etc. A chave do entendimento e a comunicação em um mesmo Espírito é, por certo, o verdadeiro sentido do fenômeno da *glossolalia* em *Pentecoste*.

A partir daí deve-se lembrar das palavras de Colin Cherry (*apud* RABAÇA; BARBOSA, 2001, p. 156), quando afirma que a “Comunicação não é a resposta em si mesma, mas é essencialmente a relação que se estabelece com a transmissão do estímulo e a evocação da resposta.” Isso aponta para uma outra dimensão da comunicação: o outro em estado de incomunicação.

De fato, a comunicação foi estabelecida, também, como o principal agente para levar a nova fé ao outro, ao inverso, àquele que vive em estado de incomunicação, i.e., a pessoas que, nesse conceito, fazem parte de outros povos.

Hoje ela está, em relação ao passado, numa outra dimensão. “A linguagem é a base das relações sociais” (DAMIÃO/HENRIQUES, 2010, p.2) e, nessa perspectiva, compreende-se que em *Pentecoste*, durante a manifestação do Espírito Santo, quando simbolicamente a língua (órgão) foi usada, certamente, era uma alusão a que, através da linguagem, a comunicação seria feita a todos os povos. Como uma constante do ser humano, no decorrer da história do homem a comunicação ultrapassou todas as expectativas. Atualmente, se tornou mais sofisticada e demanda uma força enorme que alcança vários campos diferentes: a comunicação em pequena escala e a comunicação de massas. O ser humano aprendeu a lidar com toda a tecnologia para auxiliar e tornar potente o processo de produzir, enviar e receber mensagens e informações de todas as espécies.

Nessa instância da comunicação humana, encontra-se a divulgação das Escrituras que se dá em todas as formas dessa nova comunicação tecnológica. Ela é um processo abrangente em quaisquer áreas: numa igreja, por exemplo, ou numa comunidade, ela se torna um elo entre os membros permitindo diálogos que podem desfazer mal entendidos, diálogos que podem trazer edificação e, assim, a comunicação é capaz de se impor e modificar, substancialmente, as relações entre os membros, unindo-os, solucionando divergências, eliminando desavenças e construindo um ambiente que proporciona alegria. Tal é a importância da comunicação eficaz: aquela que possui mecanismos e estruturas de linguagem que colaboram para convencer e persuadir a sociedade, em sentido significativo.

REFERÊNCIAS

A BIBLIA SAGRADA. 104^a. Ed. São Paulo: Ave Maria, s/d. (Traduzida dos Originais mediante a versão dos Monges Maredsous (Bélgica) pelo Centro Bíblico Católico.

COMBLIN, José. *Atos dos Apóstolos*. Petrópolis: Editora Sinodal, 1988. Vol. I: 1-12.

DAMIÃO, Regina Toledo; HENRIQUES, Antonio. 11^a. Ed. *Curso de Português Jurídico*. Antonio Henriques. São Paulo: Atlas, 2010.

DÍEZ, Felicíssimo Martínez. *Teologia da Comunicação*. Traduzido por Rodrigo Contreta. São Paulo: Paulinas, 1997.

DUBOIS, Jean *et all*. *Dicionário de Linguística*. Traduzido por IzidoroBliksteinet *all*. São Paulo: Cultrix, 2011.

GUTIERREZ, Gustavo. *A densidade do presente*. São Paulo: Loyola, 2008.

KASPER, W. *El Dios de Jesucristo*. Salamanca: Sígueme, 1990.

KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Atos*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006.

KÜRZINGER, Josef. *Atos dos Apóstolos*. Traduzido por Irene e José Kloh Filho. Petrópolis: Vozes, 1971.

OTTO, Rudolf. *O Sagrado: um estudo do elemento não-racional na idéia do divino e a sua relação com o racional*. Traduzido por Prócoro Velasquez Filho. São Bernardo do Campo: Imprensa Metodista, 1985.

RABAÇA, Carlos Alberto; BARBOSA, Gustavo Guimarães. *Dicionário de Comunicação*. Rio de Janeiro: Campos, 2001.

SAYÃO, Luiz. *O reverso de Babel*. Enfoque gospel – revista online. Edição 71, Jun/2007. Disponível em: <http://www.revistaenfoque.com.br/index.php?edicao=71&materia=778>.

SILVA, Rafael Vieira. *De Babel a Pentecoste: um itinerário ético para a informação planetária*. Aparecida, SP: Santuário, 1999.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. Tradução de Antônio Chelini, José Paulo Paes e Izidoro Blikstein. 27ª ed. São Paulo, Cultrix, 2006.

TERRA, Emami; NICOLA, José de. *Português de olho no mundo do trabalho*. São Paulo: Scipione, 2004.